

2009/9/3 Heloisa Correa <heloisacorrea85@hotmail.com>  
Pierre Salama - Perspectivas da América do Sul no contexto da crise financeira



06/10/2008



O economista francês Pierre Salama, professor da Universidade de Paris XIII, esteve em Roraima apresentando a palestra "As perspectivas para a América do Sul no contexto da crise financeira mundial". Nesta entrevista, Salama justifica a abordagem do assunto e discorre sobre os resultados do III Seminário Internacional – Fomerco.

**Ascom/UFRR – Quais são as perspectivas da América do Sul no contexto da crise financeira mundial? Pierre Salama** – Estamos frente a uma grande crise internacional, sobretudo nos países desenvolvidos e mais particularmente nos Estados Unidos. Estamos frente a um processo de contágio de outros países, como França e Alemanha. Isso mostra que a globalização financeira permite aumentar o contágio entre os países que tem problemas e os países que não tem muitos problemas.

O fato é que existe uma grande vulnerabilidade em muitos países, incluindo aqueles que não conheceram o sistema de subprimes, ou o sistema de créditos hipotecários, este é o primeiro ponto. O segundo ponto é saber se os países da América Latina, mais precisamente o Brasil, são vulneráveis ou não. E o terceiro ponto seria saber se existem políticas alternativas para reduzir essa vulnerabilidade.

O Brasil e os outros países da América Latina começaram a perceber que estão menos vulneráveis do que eram antes porque tem um saldo positivo na balança comercial e uma redução da dívida externa e da inflação. Então, a situação parece melhor que antes. Podemos dizer que não existe mais vulnerabilidade.



O fato é que um país como o Brasil tem um saldo de conta corrente negativo e um processo de abertura financeira bastante forte. A ascensão do Brasil e de outros países da América Latina não é tão boa, sobretudo na parte de

exportação de produtos primários e exportação de produtos manufaturados e semi-manufaturados. Não existe um conteúdo de alta tecnologia, mas sobretudo de baixa e de média tecnologia, isso tudo faz com que efetivamente a situação desses países não seja tão boa.

Existem hoje novas formas de vulnerabilidade, como a vulnerabilidade social. E a partir daí podemos pensar que poderia existir outras políticas alternativas e para isso, precisamos fazer um balanço de tudo que acontece nos países da América Latina.

Temos como exemplo o caso do México, que é interessante porque nesse país você tem uma taxa de juro baixa e com isso a depreciação da moeda, diferente do Brasil. O problema do México é que a taxa da câmbio é bastante elevada o que dá uma rentabilidade bastante fraca, com isso a taxa de crescimento é modesta.

O caso da Argentina também é interessante, em primeiro lugar, porque há cinco anos o país conheceu o processo de crescimento asiático, e se adequou a ele em um curto espaço de tempo. Para saber como isso se deu é preciso conhecer a vulnerabilidade da Argentina. A taxa de câmbio desse país é bastante sub valorizado e a taxa de juros praticamente negativa. Podemos observar que ao contrário do que ocorre no Brasil, a Argentina tem uma taxa de crescimento bastante alta e isso pode permitir uma mobilidade social maior, bem como a possibilidade de reduzir a pobreza.

Agora, é necessário que se pense por meio do Mercosul, numa política econômica diferente, com a combinação de políticas monetárias, por exemplo, com taxas de juros menores. Mas, isso tudo é insuficiente, pois se o país não tiver uma política de redistribuição de renda isso significa uma vulnerabilidade social muito forte, que pode gerar o aumento da pobreza e das desigualdades no país.

Então, o que quero dizer neste momento é que a solução seria reforçar o peso dos países da América Latina. Fazer uma união mais forte a partir de uma política monetária diferente, com taxas de juros menores, taxas de câmbio menos depreciadas e de outro lado sobretudo, uma política social que permita precisamente uma reforma fiscal, que poderia gerar uma redistribuição da renda mais forte do que a que existe até hoje.

**Ascom/UFRR – Os desafios que os países da América Latina enfrentam hoje são os mesmos enfrentados há muito tempo pelos países da União Européia?**



**Pierre Salama** – Não exatamente os mesmos. Porque em primeiro lugar, antes da União Européia os países tinham muitas ligações comerciais. Agora, o Mercosul funciona de outra maneira, os países da América Latina não se conhecem muito, por exemplo o peso da Argentina em relação ao Brasil é menor que o peso da China hoje. O que quero dizer é que estamos frente ao início de combinação entre os países da América Latina, e

sobretudo do Mercosul. As ligações não são tão fortes, porém, deveriam aumentar de tal sorte, que efetivamente representassem frente aos países desenvolvidos um bloco regional que permitisse diminuir todas as assimetrias que existem até hoje.

**Ascom/UFRR – O senhor acredita que o Brasil poderia pleitear a liderança deste bloco econômico no Mercosul?**

**Pierre Salama** – Não. Se você pensa imediatamente em termos de liderança isso significa sub imperialismo brasileiro e está é melhor maneira de pensar o fracasso do Mercosul. Acho que hoje precisa-se pensar de outra maneira. Temos que pensar imediatamente em uma simetria dentro do Mercosul, caso contrário isso significa sub imperialismo, e então Paraguai, Bolívia e sobretudo a Argentina não vão querer mais.

**Ascom/UFRR – A inserção da Venezuela no bloco é um ponto negativo?**

**Pierre Salama** – Não. A questão não é saber se é positivo ou negativo. Na verdade isso tudo depende do governo, se ele tem capacidade de pensar uma política comum ou não.

**Ascom/UFRR – Qual a sua avaliação do seminário realizado aqui em Roraima?**



**Pierre Salama** – Aprendi muito sobre a região norte. Diferente da minha palestra, porque falei sobre a América Latina. O que me parece interessante nestes dias é precisamente a tentativa de ver que tipo de ligação podem existir entre os países da região norte. Isto me pareceu bastante importante. Tenho uma crítica: penso que talvez teria sido melhor se alguns antropólogos estivessem aqui para discutirem mais a questão indígena.

Entrevista concedida ao jornalista Éder Rodrigues - Ascom/UFRR  
Atualizado em ( 09/10/2008 )

*Heloísa Helena*